



MUSICA

REVISTA DE ARTES

DIRECTORES
GASTÃO DE BETTENCOURT
JOÃO DE CAMPOS SILVA

FH

N.º 4



OVOMALTINE

alimento nutritivo e fortificante
para pessoas saudáveis e doentes
para pessoas cansadas de trabalho,
para nervosos e fracos
para mães novas
para crianças e pessoas de idade

Alto valor nutritivo, digestibilidade fácil

Dr. A. WANDER S. A., BERNE

Fabrica de productos dietéticos com malte
FUNDADA EM 1865

Unicos concessionarios para Portugal

ALVES & C.ª (Irmãos) R. dos Correios, 41, 2.º LISBOA

10. MAI 2010



PIANOS - C. BECHSTEIN

*O maravilhoso piano, de cauda **Bechstein** tem sempre feito as minhas delicias e considero esse instrumento o melhor dentre os melhores.*

Rey Collaço

Representação exclusiva da casa

— **J. Hellodoro d'Oliveira** —

Rocio, 56, 57, e 58—LISBOA

J. Heliodoro d'Oliveira

ARMAZEM DE PIANOS

Representante exclusivo das celebres marcas de

PIANOS

C. BECHSTEIN, de Berlim

Rud IBACH Sohn, de Barmen

STEINBERG & C.^o, de Berlim

Gebr. ZIMMERMANN, A. G., de Leipzig

Venda, locação, concerto e afinação

AUTO-PIANOS e ROLOS

Grande stock de musica nacional
e estrangeira

GRAMOFONES E DISCOS

Endereço Teleg. OLIVEIPIANOS — LISBOA

TELEFONE N. 3660

ROCIO 56, 57 e 58

LISBOA

H. MISSA, L.^{DA}
Fabrica Portugal

Regueirão dos Anjos

LISBOA

Tele { fone - N 3581
» - N. 943
gramas - **FIELSA**

Camas
Lavatorios
Cofres
Fgões
oesas
Cadeiras
Bancos
para jardins

Maquinas
para fabricas de
conservas.
Charruas, mate-
rial agricola.
Material vinicola
e oleicola.

Visitem a nossa exposição permanente

P. dos Restauradores, 49 a 52

Salisogenol

**Poderoso especifico das
doenças da nutrição e
das afeções
pulmonares**

A' venda nas boas farmacias
e no Deposito geral:

Farmacia Castro, Sucessor

Rua de S. Bento, 199 e 199-A

LISBOA

COMPANHIA DE SEGUROS A PAZ

S. A. R. L.

Capital 1.000.000\$00

SÉDE — LISBOA

R. Ivens, 49-2.º

**Seguros contra INCEN-
DIOS. ROUBO, ASSAL-
TOS e TUMULTOS.**

**Seguros MARITIMOS e
seguros de VIDA e PE-**

CUARIOS.

SASSETTI & C.^A

EDITORES DE MUSICA

54, 56, 58 — Rua do Carmo — LISBOA

Agentes dos acreditados Pianos e Auto-pianos:

Gaveau-Rönisch
Schiedmayer
Grotrian Steinweg

(Grand Prix em Berlim)

Pianos-Elctricos *HUPFELD*

Rolos de musica para auto-pianos

Musica nacional e estrangeira.

Cordas e accessorios para instrumentos.

Bustos em biscuit de musicos celebres.

SASSETTI & C.^A

— LISBOA —

MUSICA

REVISTA DE ARTES

N.º 4

ANO I

EDITOR - João de Campos Silva
Propriedade da Empresa de Publicações «RITMOS» (em organização)

Redação e Administração
Rua do Diário de Notícias, 28, 1.º

Novembro de 1924

LISBOA

GABRIEL FAURÉ

A ultima homenagem prestada em vida ao grande mestre que a França acaba de perder, realizou-se em Setembro, em Pamiers, terra natal de Gabriel Fauré.

Ao festival dado em sua honra já não pôde o delicado artista assistir, senão em espirito, pois que, com tão avançada idade, a doença viera impossibilita-lo. Um mês depois, Fauré falecia, deixando a arte enlutada pelo desaparecimento duma figura de singular relevo na historia musical contemporanea.

Fauré foi um apóstolo da musica intima, simples e emotiva na sua maior pureza. Mas, sem jamais perder a sobriedade e o bom gosto, foi um reformador, que soube, com calma e sedução, encaminhar a mentalidade da geração do seu tempo, para o campo mais arejado das novas formas e expressões.

As novas directrizes que haviam de trazer á musica francesa o destino que Debussy, os Ravel, Florent Schmidt e outros, lhe deram deve-se à acção fecunda e gradual influenciado geniode Fauré que, no dizer de Coeuroy, «soube fundir harmoniosamente as disciplinas classicas necessárias e as novidades indispensaveis».

Fauré, passadas as primeiras hesitações do seu espirito, e que precedem sem



pre a formação das personalidades, encontrou em Verlaine, nos seus admiraveis poemas, a mais adequada fonte inspiradora das suas concepções musicais.

Na renovação do *lied* francês foi Gabriel Fauré um dos mais devotados cooperadores, como Chausson, Duparc e tantos outros que constituiram a pleiade que deu à arte musical francesa uma produção tão intensa e rica de

cantos intimistas. Fauré foi, durante 15 anos, director do Conservatorio de Paris depois de, por largos anos, ter regido a cadeira de composição. Foi, sem duvida, graças à sua acção orientadora, que a tecnica musical se modernizou naquele estabelecimento e pôde, felizmente, fazer desabrochar, fóra das rotinas que viciam, os inumeros e talentosos artistas que dali têm saído.

A obra de Fauré, comquanto não seja duma abundancia consideravel, é toda ela valiosa e notavel.

Alem das sonatas para violino e piano, dos quartetos, quintetos e peças para violoncelo e piano, tão cheias de fantasia, compoz a «suite» *Peleas et Melisande*, o drama lirico *Pénélope*, um *Requiem*, *La bonne chanson*, uma série inimitavel de *lieder*, sendo apenas conhecida nas nossas orquestras a celebre *Pavane pour une infante défunte*, cuja linha melodica é duma delicadeza encantadora e duma poesia impregnada da mais elegiaca doçura.

Sinceridade, ideias claras, sobriedade e pureza na forma, eram as virtudes principais com que Fauré caracterisava a musica francesa e que, tão justamente, se podem atribuir à sua obra, onde palpita e vive sempre a maior intensidade emotiva, atravez duma fórmula modelar e perfeita.

I. ARANHA

TOMAZ DE LIMA

Como dissémos no nosso ultimo numero, realisou-se na noite de 7 do corrente, no Salão do Conservatorio Nacional de Musica, o concerto organizado pela «Musica» em que o illustre professor e compositor Tomaz de Lima apresentou as suas ultimas obras.

Pode afirmar-se que esse Concerto constituiu um verdadeiro acontecimento artistico.

Tomaz de Lima, afirmando de uma forma iniludivel o seu enorme valor, teve a suave e grata compensação de se vêr aplaudido com entusiasmo por um publico de *élite*, que por completo encheu a sala do Conservatorio.

Tomaram parte no concerto, fazendo realçar as grandes belezas da obra de Tomaz de Lima, as illustres senhoras D. Cacilda Ortigão, D. Maria do Pilar Sergio de Souza, D. Mafalda Gomes, D. Bertha Borges, D. Alice de Azevedo e os Srs. prof. Luiz de Freitas Branco, René Bohet, Varella Cid, Julio Camara, Pavia de Magalhães, Fernando Costa, Pitta Simões, e Ayala Botto.

A Tomaz de Lima endereça a Revista de Artes — «Musica» — os seus agradecimentos por nos ter dado ensejo de fazer ouvir as suas obras. O mesmo agradecimento se estende a todos os illustres cooperadores de Tomaz de Lima nessa noite de Belleza.

ATELIER

VESTIDOS TAILLEUR

E FANTASIA

VIRGINIA SILVA

PREÇOS RASOAVEIS

Rua dos Douradores, 100, 2.º

(Largo da Igreja de S. Nicolau)

DR. STEFANO MOLLE



Honra hoje a Musica o muito illustre e erudito doutor Stefano Molle, que em missão de estudo foi nosso hospede durante algumas semanas.

Espirito scintilante, o Dr. Stefano Molle, a par de ser um erudito em assuntos históricos e filosoficos, é ao mesmo tempo um artista requintado, um verdadeiro tipo de latino que muito enobrece a raça a que nos orgulhamos de pertencer.

A sua magnifica camaradagem deixa-nos profunda saudade.

Entretanto essa camaradagem vae continuar, não obstante o dr. Molle, no momento em que escrevêmos estas rápidas linhas de admiração e de profunda simpatia, se preparar para seguir para Londres, de onde nos enviará uma carta sobre o movimento intelectual e artistico da capital da Grã-Bretanha. A essa carta seguir-se-hão outras de Italia, onde o dr. Stefano Molle é um dos primeiros redactores do «Giornale di Italia». Assim o nosso illustre camarada, que tem sido de uma cativante gentileza para o nosso paiz, que tem estudado com verdadeiro amor de investigador honesto, remeter-nos-ha todos os mezes a sua colaboração daquelle paiz que nós tanto amamos e que, segundo a sua propria e gentil frase, no belo artigo que hoje inserimos, é *Irmã* de Portugal.

— A —

NOVELA CONTEMPORANEA

Colaboração dos mais notaveis escritores portugueses, brasileiros e hespanhois.

Séde provisoria: — Rua do Largo do Corpo Santo, 6-3.º — LISBOA

SILENCIO

POR OLIVA GUERRA

Vem, meu amor, assim, mais devagar...

Repousa sobre a minha a tua mão...

Vem ouvir nestes ecos d'emoção

O que em silencio em nós anda a falar.

Palavras que recalca o coração

Ha tanto que as andamos a guardar!...

E das que a voz consegue articular

Quantas ainda sem sentido estão!...

Tanta coisa dissémos, meu amor!...

Tanta coisa deixámos por dizer!...

Mas sobretudo nisso que dissémos

E' que eu mais sinto o drama interior

De tudo o que se cala em nosso ser,

De tudo o que exprimir nunca pudémos.

MEFISTOFELES

Parmi les ouvrages, la *Damnation de Faust* de Berlioz, le *Faust* de Gounod, la symphonie Wagner, ... que le célèbre poème de Goethe a donné naissance le *Mefistofele* de Camile Boito, est certainement celle qui pour le *libretto* et surtout pour le caractère de la musique plus se rapproche à la source originelle. Et c'est dommage que, en général, à l'étranger, cette opera qui est, d'ailleurs un vrai chef d'oeuvre et une des meilleures du theatre italien, n'est pas connue comme elle meriterait.

Le *libretto*, oeuvre admirable de l'auteur des plus belles pièces musiquées pour Verdi, est considerée comme une ouvrage litteraire de premier ordre et digne d'être placée, dans son genre, parmi les meilleures de la litterature moderne italienne.

Boito, a eu vraiment a resoudre un grand problème quand il a cherché, pour les necessités orchestrales, de syntetiser le grand poème de Goethe. Et il a reussi dans sa tache avec plein de succès tout en respectant le principe de l'equilibre de l'ensemble et surtout les rythmes semblables du commencement et de la fin. Similitude qui fut avec tant de soin recherchée par le grand maitre de Weimar.

Le caractère de la musique boitiénne est transcendente, mais plus que le transcendentalisme de Schopenauer,—le transcendentalisme de la musique en elle même comme expression pure, comme langage du monde de l'au-de-là—c'est toute la partition musicale du *Mefistofele* une vraie musique esotérique.

Cela, d'ailleurs, explique comme Boito ne donna qu'une opera seulement le *Mefistofele* musique. *Sed leo.*

Dans les travaux preparatoires du *libretto*, on voit a quelle profondeur était arrivé le maitre dans sa connaissance du monde esoterique, des imitations aux anciens mystères, aux anciennes verités que nos ancêtres connaissaient quand, l'épis à la main, ils passaient les portes du temple d'Eleusis avec la gloire de l'aube grecque

Il y a des ressemblances; il y a des paralleles qu'on ne peut jamais oublier.

La nuit du *Sabbat* romantique sur les hauts rochers du Broken, dans l'âpre Herz, tel que nous le voyons dans la grandiosité dantesque dans le *Mefistofele* nous rapelle vraiment le *Jugement Universel* de Michelange dans la Chapelle Sixtine. La même grandeur, la même puissance de ligne et de la pensée, le même sens de la vie qui s'écoule dans l'obscurité, des forcés qui agissent dans l'ombre.

Celle est la sensation que j'ai toutes les fois que, en mon pays, je regarde *Jugement* de Michelange ou j'entends à la *Scala* de Mlian ou au *Constanza* de Rome,

questa é la notte del classico Sabba...

ou quand les initiés crient à tue-tête:

Sabboé! Sabboé! Ar Sabbah!

Goethe, nous le savons d'après son autobiographie *Gedichte un Wahrheit* (*Poesie et vérité*) s'était donné dans la jeunesse, aux études de magie.

Il était lui-même un occultiste ! et d'un occultisme dressé sans cesse vers la réalisation de la vie féconde, de la Beauté victorieuse de l'amour pour «l'éternel féminin».

Si son oeuvre le place à côté des grands génies de l'humanité, sa vie est le guide de tous les hommes de lettres, est la lumière à laquelle chantent et chanteront toujours les coqs d'Apollon.

Quel charmant après midi j'ai passé à la Maison du Maître à Weimar ! Je venais de Jena. La campagne de Thuringe dans la lumière d'automne gardait ses couleurs brillantes comme dans un tableau de Claude Gellée ou dans les paysages de Pietro Vannucci «*le Perugino*». Était un automne romantique qui mettait dans l'air je ne sais quelle douceur du temps jadis.

Je croyais entendre, quelque fois, sur les ailes du vent passer la mélodie de Schumann *le cloche qui marche* ; une mélodie de mon enfance.

Weimar, la vieille ville—pour l'Allemagne quelque chose qui rappelle un peu Florence—était silencieuse.

Elle paraît dormir, rêver son passé. Quelques demoiselles qui passaient souriantes dans les rues mortes, devant les palais nobiliaires fermés, faisaient luire leurs chevelures blondes au soleil d'octobre. Tout le tableau était d'une composition romantique, délicieusement fantaisiste comme une comédie de Pirandello.

La maison de Goethe, la bibliothèque, le petit musée, son cabinet de physique, sa petite galerie, l'exposition de ses recherches sur la théorie des couleurs, semblaient vraiment rappeler le «studio» du Dr. Faust

m'è di noia ù vulgo...

comme chante la musique de Boito.

Le maître aimait la lumière, *Mehz licht!* (Plus de lumière ;) Furent ses dernières paroles. Pour cela il aurait aimé certainement le Portugal s'il l'aurait visité. Il aime l'Italie que est la soeur de votre charmant et lumineux pays de *fidalgos*.

STEFANO MOLLE

QUEREIS DINHEIRO?
JOGAE NO
Rua do Amparo, 51
LISBOA
— Telefone: N. 4020 —

Gama

DUAS CARTAS

POR UMBERTO ARAUJO

I

.....
...E amo-te, porque nunca serás minha!

Soror Mariana foi uma figura enorme, mas não soube dominar os impetos da sua carne fremeante. A sua paixão não teve o espiritualismo delicioso das almas puras, a arte serena e admirável de uma virtude estoica. O seu infortúnio era o infortúnio de não ser possuída, a revolta dolorosa de não ser violada. O seu amor foi um episódio fisiológico, sem a grandesa imaculada dos sacrifícios insatisfeitos. Não abdicou do despotismo da matéria e caiu na vulgaridade fatal das efectividades conhecidas. Não subiu para a alma, desceu para a apotéose do corpo. Não teve a intuição da renúncia perfeita e prendeu-se apenas com as exigências da fôrma.

Li a tua carta demoradamente.

— Como ela é simples e cheia de incertezas!

Se tu soubesses como eu a sinto e como eu a traduzo!

Volto-a nas minhas mãos, olho-a, torno a folheá-la, e tenho a impressão de que diz sempre coisas novas. E, a-pesar-de tudo, por mais que tente suspender na sua peregrina elegância literária e ambicionada suspeita, a palavra suprema, escapa-me subtilmente numa transparência velada de ironia e de frieza, no propósito de aguçar mais ainda a minha curiosidade infantil.

— Como tu sabes ser mulher, Donatella!

Outra que não fosses tu, entregar-se-ia, sem restrições e sem discussão, às exigências do meu amor.

Mas tu, não.

Em todas as tuas confidências transparece a filosofia calma de quem raciocina e pensa, o conceito preciso de quem se sente forte.

Eu, por mim confesso-te que a condição de manter sempre o mesmo desejo de te amar, está absolutamente na cautela delicada com que sempre guardas para mim toda a realidade completa da tua fascinadora ternura. Por mais que eu me aproxime, tu nunca desnudas perante os meus olhos avaros a confissão inteira do meu sonho. És sempre para mim o mesmo idial indecifrável cada vez mais interessante e mais novo.

...E, olha, Donatella, sê sempre assim, peço-te.

Quando tu me contasses abertamente o que tu sentes, quando tu me desvendasses toda a eloquência harmoniosa que envolve a tua vida,

verias então a inferioridade palpitar nas minhas veias humanas e a Sacidade brutal matar a minha dúvida...

E' preciso esconder até ao fim alguma reliquia ainda não encontrada, para que o mesmo calor aqueça a mesma alma e se não apague nas suas próprias cinzas. As que caem esquecem-se da velha máxima que define a continuidade precária do amor dos homens, a fatalidade eterna que predomina em todas as coisas efêmeras...

Para se manter o mesmo amor, é preciso que haja a volúpia do desconhecido, a vaidade curiosa da interrogação constante, o desejo fixo de subir mais longe...

A que se mostra inteiramente comete um crime e suicida-se sem remédio...

Foi assim que morreu, Donatella, a Margarida Gauthier, de Dumas, a dama das camélias. dolorosa e trágica...

Perdoa-me a impiedade com que escrevo sempre. Quero tornar mais pequeninas as minhas impressões, mas não posso. Obedeço a um impulso irresistível.

E tudo só para te dizer: amo-te, sempre, cada vez mais, luz dos meus olhos!

II

Tive a felicidade de tornar a ver-te.

Ainda bem.

Antes que passe a última página da minha loucura, quero que guardes as palavras sinceras do meu pobre e irremediável destino.

Ofende-me profundamente a tua atitude. Nem um gesto de carinho, nem uma promessa leve de generosidade, nem uma frase de condescendência...

E' demais.

Todos os dias espero a hora do correio, impaciente, trémulo de de dúvida, receoso e triste.

E não vem nada que alegre a solidão espiritual em que se afundam todas as minhas ilusões!...

— Donatella!

Responde-me, dize-me ao menos banalidades, insulta-me, se quizeres...

Podia procurar-te, bem o sabes.

Mas não o farei.

E' preferível morrer.

Mesmo porque assim ficarás sendo a mulher das primeiros impressões e não cairás jámais do pedestal em que te ergui.

Talvez seja melhor, sim.

O artista, quando profunda as suas experiências encontra, por vezes, decepções irreparáveis...

Mas, ao menos, sê franca.

E' fácil convencer-me, acredita.

Quanto mais não seja, mente-me, injúria-me, agride-me, para que eu me afaste!

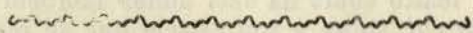
Pois se isso é tão simples, porque hesitas, Donatella?

Em amor só ha violências, resoluções trágicas, finalidades vertiginosas. Não ha mais termo.

Pois bem.

*Não tremas.
Quando te fôr ás mãos esta carta, faze, ao menos, com que eu
te odeie.
Mesmo porque me agradaram sempre as situações claras.
— Donatella!...
Não acreditas no que eu te digo, ama-me, não me desampares!
A minha paixão transtorna-me o cérebro e faz de mim uma
creança.
— Donatella, meu único e último e estremecido amôr!...*

*Do Livro a sair Páginas Antigas
(cartas de Amor)
Coimbra-1924.*



FASCINAÇÃO

— *Sôbre «La danse-rituel du Feu»
de Manuel de Falla —*

POR JORGE RAMOS
(Poeta Brasileiro)

**Silencio. Em torno sangra a carne viva
das rosa, dum vermelho voluptuoso...
O luar atravez os ramos, criva
o chão de um rendilhado luminoso.**

**Dansas. Coleante, languida, lasciva
enches a noite de voluptia e gôso...
— Salomé da Judeia rediviva
quem será teu Baptista Venturoso?**

**Garça humana, em teu corpo esguio e langue
o luar ora adormece, ora flutua
como os olhares dum Tetrarca exangue...**

**— Que bom morrer agora á luz da lua!
Morrer; mas vendo-te... côr de sangue
a bailares entre o fogo, toda nua!**

O "Eu" do Artista

Samwell Diniz após seis anos de Theatro

Samwell Diniz, amigo de sempre, quiz, numa hora de conversa á mesa do caté, falar-nos de theatro como ha seis annos tambem conversara com o jornalista, então no *Liberal*, sobre a sua estreia que se realisava dias depois no Gymnasio na companhia Maria Mattos-Mendonça de Carvalho, artistas-empresarios para quem vae neste momento os nossos cumprimentos de amigo e admirador.

Artista de processos absolutamente modernos, sabendo dizer, cheio de detalhes, Samwell Diniz, (o actor — gentleman) é hoje adentro da gente que se pinta uma figura de destaque, um nome que se impõe ao elenco de qualquer companhia de alta comedia.

Campos Silva, director da Musica, quiz — num requinte injustificavel de excelente camaradagem — que fosse eu quem entrevistasse o Artista que nestes seis annos até hoje pisou os tablados do *Nacional*, *São Luiz*, *Gymnasio*, *Polyteama* (ao *cachê*) com Alves da Cunha, *Sá da Bandeira* do Porto com Palmyra Bastos, *São João* da mesma cidade, depois Brazil e neste inverno *São Carlos* na companhia Lucilia Simões-Erico Braga.

— E jamais tive — crê-me — questão nenhuma com as empresas embora seja tido por alguns colegas como um... indisciplinado. Em minha defesa, invoco o testemunho insuspeito de Ricardo Jorge, Galhardo, Loureiro, e Lino Ferreira — empresarios, como sabes — e o dos meus illustres camaradas Lucinda Simões — Mestra que muito respeito — Palmyra Bastos, Ilda Stichini, Eduardo Brazão e José Ricardo. Agora mesmo, quando da minha entrada para a companhia do meu tambem ilustre colega Erico Braga, soube por alguém das referencias altamente lisonjeiras que me fez Palmyra Bastos com quem em noites seguidas de representação da *Dama das Camélias*, tive tempo de mais para julgár da sua lealdade artistica e pessoal.

«Trago este pormenor para o campo da entrevista apenas como justificação á minha injustificada lenda de indisciplinado e nunca — soceguem aquelles que procuram que eu me malquiste — como louvaminhas que não quadram com o meu modo de ser.

— Que essas malquerenças desapareçam de vêz com a tua entrada em *São Carlos*.

— Estou certo disso. E'-me garantia do que te affirmo a larga permanencia de todos os artistas da companhia á excepção dum e esse por preferir o theatro musicado. A empresa Erico Braga tem pelo menos duas fortes pilastras que nos servem de seguro fiador: o ser artistica e materialmente forte e, principalmente, disciplinada sem atingir porém a raia do exagero. Junta-lhe agora um solido fundo de reserva artistico e dize-me se plantasio.

— Assim, seguindo tu o exemplo dos outros contractados, organizarás tambem o teu repertorio...

— que em boa verdade não consegui ainda por nunca ter podido fixar-me em companhias por razões que não partiram de mim.

— Tens agora optimo ensejo para provares o teu espirito disciplinado.

Samwell Diniz, aspirando o perfume opiado duma cigarrilha cara, garante-nos que responde por si porque nunca se arreceu de prevaricar. A sua educação é fiador — accrescentou num crêr convicto — para o pôr a salvo de todos os meios mesmo daquelles que se afastam mais do dia a dia da arte de bem viver.

— Quando reapareces ao publico?

— Muito em breve, e vá lá esta caixa como vocês disem — no *Ninho de Aguias* por deferencia mais do que amavel do meu empresario.

«Esquecia-me dizer-te que a illustre actriz Lucilia Simões era o unico az do nosso theatro com quem me faltava contrascenar, distincção que muito me apráz vêr realisada com o *Ninho de Aguias*, papel que estudei com amor e que a critica acolheu mui lisonjeiramente.

Aproveitando uma distracção do Artista, que correspondia agora ao cumprimento familiar de Jorge Faria, derivamos o sentido da entrevista para o theatro moderno.

Samwell Diniz, colhido de surpresa, procurou furtar-se á pergunta mas ante a insistencia do jornalista concretizou o seu modo de vêr da forma seguinte:

— Quanto a mim, o theatro moderno assenta sobre um principio basilar — a emoção pela verdade conjugada com a maior sobriedade.

«Fui sempre contra as scenas em aberto. Assim, todo o quarto acto da *Dama das Camélias* fi-lo a meia voz, interpretação esta que a critica sublinhou.

— E no theatro historico?

— Sem desprimor, abomino este genero de theatro porque nós hoje não podemos emprestar ás figuras que a historia trata a mesma psychologia, toda a magestade, impossiveis de realisar — repito — por falta de energias resultantes da influencia da epoca e principalmente por falta de escola.

— Ainda para o inquerito da nossa Revista — Temos theatro genuinamente portuguez?

— Absolutamente. Temos escriptores de theatro nacional, embora de quando em vêz appareçam á surperfície *aventureiros* que subscrevem... peças que só nos comprometem como patriotas.

— Quanto originaes nossos representaste até hoje?

— Vaes-te admirar! Creados; dois, apenas — *Ninho de Aguias* de Carlos Selvagem e *30 H. P.* de Leitão de Barros. Sem fóros de *première*, *Morgadinha de Val Flôr*, *Amor de Perdição* e *Severa*.

— Como estudas os papeis?

— Procurando meter-me — é o termo — dentro delles. E já que estamos a talho de foice, deixa-me afirmar-te que os artistas portuguezes trabalham duas ou tres vêzes mais do que os estrangeiros. Comnosco uma peça afina-se com dôze ou quinze ensaios para umas trinta representações ou pouco mais, ao passo que nos theatros estrangeiros o cartaz só se substitue apóz dois ou tres meses de scena. Assim, enquanto lá fóra se faz uma peça nova de tres em tres meses nós representamos aqui quatro e cinco! E é neste vae e vem que decorre uma epocha, entra-se noutra porque o descanso em theatro é uma palavra ficticia.

— Como vives as personagens estrangeiras?

— Dentro do seu meio. Arranca-las d e lá é desvirtuar a idéa do auctor.

— Concordas com a vinda de companhias estrangeiras ao nosso paiz?

— Desde que sejam recrutados entre as primeiras, sem duvida nenhuma porque nos servem de ensinamento. A *Velasco*, que ultimamente trabalhou no *Trindade*, é exemplo frisante que podemos observar nas revistas *Rés-Vês* e *Bolo-Rei*.

«A proposito, deixa-me dizer-te ainda que o nosso theatre está soffrendo de tempos a esta parte uma grande dispersão sob o ponto de vista artistico. Ha um desequilibrio consideravel dentro dos diversos ramos da arte de representar e duas são as razões desta desorientação: a falta de unidade artistica e a falta de estabilidade das companhias.

— Não comprehendo a tua idéa.

— E' simples. Quanto a mim, devia haver durante o anno artistico, e constituidas pelos melhores elencos de forma a obter-se excellentes conjunctos e fixas em Lisboa, duas companhias de comedia e drama, alem do Nacional; uma de baixa comedia; outra de opereta e duas de revista sem esquecer — é claro — as mais modestas, ligações mais do que apreciaveis e uteis por serem as que estão em íntima comunhão com determinado publico, a quem é preciso inculcar o gosto pelo theatre — um dos factores primaciaes na vida das gentes.

— Quais os auctores preferidos?

— Todos desde que os saiba interpretar.

Por ultimo, o Artista fala-nos tambem da sua visita ao Brazil onde a critica, que lemos nos principaes jornaes cariocas, o acolheu com justiça consagrando-o como actor moderno na arte de dizer, facto este desconhecido em parte porque pouco são os que, como nós, conhecem de perto o testemunho dos jornalistas que no Brazil artistico criticam os comicos no melhor sentido da palavra.

E o motivo deste desconhecimento é—para nos servirmos das palavras do Artista — *porque nunca gostei de me reclamar a mim proprio.*

Antonio Stubbs de Lacerda

N. R. — Por falta de espaço não publicamos esta entrevista no terceiro numero da *MUSICA* de que pedimos desculpa a Samwell Diniz.



PIANOS ALEMÃES

“LEONHARDT”

“STEINMANN”

“SCHRÖTHER”

MUSICAS

Reportorio Classico e Moderno

JANUARIO NUNES & C.^a (FILHOS)

108-Rua dos Retrozeiros-110

Telefone Central 2406

LISBOA

AMBAS...

POR CASTELO DE MORAES

(Conclusão)

Nove menos vinte...

Encontraram-se antes da hora marcada. A curiosidade apressara-os.

Estranho e longo esse minuto do primeiro encontro depois da vespera! Era o instante desejado e temido! Não eram os mesmos.

Estenderam-se as mãos tratando-se pelos nomes proprios e desceram a rocha do mar.

Ele sentia a caminhada e tomava-lhe o braço acima do cotovelo nos degraus ásperos da montanha.

A confissão da vespera unira-os n'um laço forte de cumplicidade. Sentiam-se um do outro reciprocamente, mas de ha muito, de sempre.

Deixava-a tomar a dianteira no córrego estreitinho para ficar a vê-la e o seu olhar era nm acto de posse.

Sob uma luz nova e desconhecida descobria em face do desejo atual todos os misterios ignorados d'esse corpo. Ela já não era a Adonai, o nome do Deus biblico que se não escreve. Era a carne do seu desejo, a Prometida em magua, a semeada em silencio, a colhida n'um ósculo...

Portanto era-lhe impossivel agora, vendo-a caminhar, reconstruir n'ela o lyrio heraldico, forma pura de flor que o seu pensamento costumava emprestar ao espirito d'ela.

Entre o extase sonambulo do tempo ido e a mulher de hoje havia a memoria lasciva d'um beijo humido n'uma pele quente e essa memoria que vinha da carne era mais concreta e cortava-lhe o vôo das abstrações ideais.

Pelo caminho falaram pouco. Em ambas havia o desejo de recordar mas tinham medo. Assim vieram descendo a rocha até ao caes. Só ali, face a face, olhos nos olhos, ela, com um leve tremor na voz poudo articular umas frases.

—Se eu pudesse esquece-la! Tinha sido um minuto de loucura... Sofriam tanto...

—Mas não! Ele que tivesse coragem. Bem via que não estava só...

Tinham entrado no assunto que temiam.

Foi d'ele então a vez de recordar e bemdizer...

.....

Minutos depois embarcavam.

A hora era propicia ó hosana do amor.

Um sol de inverno esplendido e quente doirava tudo. Os montes de Sintra, ao longe, salpicados de casalitos brancos recortavam-se nitidamente no

ceu vago como fantasias de lapis lazuli, vincadas a punhal n'um mosaico florentino. Esses cazais perdidos em alfombras da charneca tentavam de longepela distancia, pelo ermo envolvente e acenavam como lenços de boa vinda as almas foragidas.

Eram socego, lares tranquilos, imaculados, brancos...

Operava n'eles insidiosamente a sugestão do longe e quem pudesse incarnar lhes os pensamentos sob a forma de azas velos-hia limbrarem-se immediatamente n'um vôo paralelo de azas tensas e voarem n'uma atração magnetica de sonho para o casal mais escondido na serra mais aspera.

Perto do cais desviando os olhos da serra iludiam a sede dos beijos olhando-se demoradamente no fundo das pupilas.

A sereia do vapor acordou-os. Indiferentes, como dois estranhos, saltaram da lancha a caminho da cidade.

Começava para ambos a mentira e o encanto d'um segredo comum punha-os alegres como duas crianças que tivessem encontrado um brinquedo proibido entre as ervas d'um jardim.

A sua vida, a vida de ambos era d'ora avante esse mentir aos outros para serem mais longos e mais doces os beijos trocados no misterio e o instinto dizia-lhes que esses beijos só poderiam ser longos e doces enquanto durasse a necessidade da mentira.

O fruto proibido resonava no espirito d'eles a desafiar a gula dos labios, por isso, a caminho da cidade, no ultimo banco do carro, cingidos, colados, saboreavam como um requinte maximo de volupia os instantes em que furtivamente podiam enlaçar os dedos.

As mãos d'ambos, hiper-sensibilizadas de sacrilegio sabiam diser em subtilesas de pressão, em caricias levissimas de tato isso que os labios só diziam mais tarde quando fosse inutil ou impossivel aquela mentira reciproca de platonismo.

Para ele o contacto das epidermes dava-lhe uma impressão de metempsicose. A estatua divina, o mármore intacto que se acostumara a venerar n'um fetichismo pagão como simbolo visivel do seu amor sem mácula, humanisava-se pouco a pouco.

A belesa espiritual amada sob a forma de mulher transformava-se no desejo vulgar d'um corpo maldado em curvas de estatua, curvas tépidas, tangíveis, d'um veludo macio. A deusa transformava-se em oferenda.

N'aquela pressão leve dos dedos ele recebi-a toda, aceitava-a, comungava antecipadamente n'esse vislumbre de promessa toda sua carne jovem, vibrante, desejada mas como todas as carnes cheias de oprobrio, de vicio, de miseria...

Para quê falára Ela?

E percorria tristemente em saltos de memoria aqueles tres anos de sonho. . Ela continuava premindo-lhe os dedos e fitando-o langorosamente enquanto ele repetia no fundo consciente e desencantado da sua alma:

— Não... não era esta. !—

Não era esta e começava a sonhar um novo marmore intacto a quem emprestasse a perfeição dos simbolos.

— Não era esta..! Não.— Tinha-o sido quando origem do seu osculo, alheia do seu segredo. E nenhuma tivera tantas graças!... Sobre nenhuma derramara tão copiosamente o ocio da fantasia e o balsamo das perfeições..!

Mas, não! Não era esta..! Se ela tremia dos beijos que ele lhe dava a tremer!...

Na baixa largaram o electrico e subindo o Chiado separaram-se no Loreto. Meia hora depois descendo a Rua do Carmo, a caminho do *restaurant*,

Gonçalo Corrêa sentia-se mais novo, mais leve. Um Deus potente insuflara-lhe nas veias de bohemio gasto um sopro iodado de vigor.

Sem saber porquê vinha-lhe á memoria outra descida por aquela rua quinze anos antes, quando da sua primeira conquista seria. Lembrava-se, descera tambem a passos largos, um charuto nos dentes, bem disposto como agora e trauteando um fado meigo. Recordando unia no seu espirito as duas mulheres, esta o premio de tres anos de silencio e a outra uma atrisita que no fim de duas semanas de namoro gaiato lhe sacrificava o conchego d'um major diabetico.

Mercê do acaso, involuntariamente, unido-as na memoria pensou:

— *Ambas* — Era a filosofia austera da gramatica misturando, embrulhando no mesmo pronome relativo a deusa e a atriz.

O sub-consciente acusou-lhe a indelicadesa da promiscuidade e no restaurant á mesa do almoço, a rilhar a costeleta filosofou engenhosamente reabilitando a segunda — a Deusa. —

AGUARELA

*Ei-la, a que passa em tardes outonaes,
Flexuosa, magra, os olhos doloridos,
Primavera da carne em que os sentidos
Vão florindo em anceios virginaes . . .*

*E a rua veste galas festivaes
Porque ela passa, n'um dos seus vestidos
De côr estranha, como que tecidos
Em folha sêca, ou em góthicos vitraes!*

*Caminha desenvolta, penetrante,
N'um passinho febril, curto, minúsculo,
Emquanto, estertorado, agonisante,*

*O sol em fúria, as cores espadana
E no ar, a nevrose do crepúsculo
Suspende, n'um soluço, a dôr humana!*

HERCULANO LEVY

Á SOMBRA

DO QUEBRALUZ

Ainda a Taça de Murano

PARA FRANCISCA D'AYRE

Como todas as outras, a sua lenda não foge á regra geral—ser menos verdadeira porque o beijo, o único beijo.....

Vamos por partes:

A rainha não devia propôr benesses a quem lhe fabricasse a taça de Murano e muito menos prometer ao dadôr do vaso o beijo virgem dos seus labios.

Desculpe-me, Francisca d'Ayre, mas a sua lenda, escripta n'uma hora de esquecimento, briga com a nossa conversa de ha dias na *Garrett*, á hora do chá.

Lembra-se do que se passou na sua quinta de Cintra, na primavera deste anno?

Foi de manhã, uma manhã nevoenta e humida. Estavamos assentados debaixo do Gigante—o carvalho do tanque.

Nos eucaliptos frontzeiros, dois verdelhões completavam a *toilette* matinal.

O macho, após um vôo curto, empoleirou-se no ramo superior e dali em reverencias senhoris, dava os bons dias á femea, enquanto no espaço vôava uma ave de preza preparando-se para o succulento almoço—que o acaso lhe deparava sem cuidados de maior.

...E os pobres amozos continuavam seu madrigal.

Depois...—lembra-se?—o casalito pousou no ramo mais elevado da arvore e num espanejar-se dezabrido beijou-se tão demoradamente que o gavião, certo como a setta despedida do arco, baixou sobre os dois amantes para levar depois, apertado nas garras, o desditoso menestrel desse hymeneo bucolico.

A trista viuvinha, num esvoaçar de perigo, buscou abrigo a seus pés e com que carinho a m nha amiga so cegou a fugitiva...

Depois, uma corrida até casa, uma gaiola pendurada na sala de costura para mais tarde, por uma manhã cheia de sol, Francisca d'Ayre ir encontrar no fundo da gaiola, junto ao corpo sem vida do verdelhão, o fructo ainda morno desse beijo a que assistiramos na primavera deste anno na sua quinta de Cintra, perto do Gigante, proximo ao tanque.

Minha amiga: Todos os beijos que se dão para suffocar o Desejo vincam-se dolorosamente na alma.

O menos funesto e por tanto mais cheio de lembranças sympathicas, é aquelle que nunca se chega a dar.

Sabe porquê?

E' que nesta vida que vivemos apparecem tambem de quando em vèz gaviões... sem pennas que deixam sempre á passagem penas em barda...

JOÃO SEM-RUMO

P. S. — Fui visitar no dia de Finados a exposição de crisanthemos na Camara Municipal.

Lá estavam como sempre hirtos e frios nas suas cabeleiras estabanadas...

Oh perdão! Esquecia-me da sua antipathia pelas pobres flores.

Diga-me, Francisca d'Ayre—porque prefere aos crisanthemos as rosas de Jerichó?

JOÃO

NOVIDADES MUSICAES
REY COLAÇO
Cantigas de Portugal

Caprichosa coleção de 48 cantos e danças populares
portuguezas num album de 56 paginas

O mais distinto presente para um amator de musica

— DE MUSICA —

Brochura de 112 paginas contendo referencias e artigos que interesam ao nosso meio musical

Pedidos a J. HELIODORO D'OLIVEIRA

LISBOA - Telefone Norte 3660 - ROCIO, 56, 57, 58

NO PROXIMO NUMERO

A sahir em principios de Janeiro «Ilda Stichini» por Antonio Dias Costa.

HISTORIA DA MUSICA EM PORTUGAL

POR BOAVIDA PORTUGAL

.
. *es que aquest país per les me-
revelles naturals i per la predisposició psíquica
dels seus habitants, es veraderament un país
d'artites.*

(Ribeira y Rovira - *Portugal artistic* - 1915)

Foram os lusitanos dos povos da Península os mais temidos na guerra. Quando algum ambicioso ousava tocar o sagrado tesouro da sua liberdade, surgia logo em cada cidadão um soldado e em cada soldado um heroe.

Sentiu o fogo da sua espada toda essa multidão de aventureiros que, julgando apertadas as fronteiras das suas pátrias, vieram até cá, de montanha ou de mar em mar, atraídos pelos inefáveis encantos e riquezas deste «formoso jardim á beira-mar plantado». Bem o soube Roma a orgulhosa Roma monárquica, republicana e imperial, que teve legiões aos centos e foi senhora do mundo, pela derrota de tantos dos seus generaes que, enfatuados pelas apoteoses do povo romano, por tantas e tam grandes vitórias alcançadas sobre o Oriente, Gállias, África e Hespanha, vinham na melhor disposição de calcar aos pés a bandeira dos lusitanos, afogar em sangue as trombetas que os chamavam das montanhas a salvar a Pátria periclitante, e de esmagar o orgulho de quem, tam arrogantemente, ousava repelir o jugo que vinham impôr-lhes.

Aventureiros na terra e no mar, com a espada ao lado do sextante e da bússola, trazendo ao convívio da Europa os povos encantados do Oriente, Sul e Occidente; grandes cabouqueiros do passado abrindo as minas que haviam de enriquecer os tesouros do futuro; tam assombrosos guerreiros e navegadores que recordam as fantásticas lendas dos países e mares que devassaram, tiveram uma alma que se enlevava nas harmonias do Oceano tentador e na música dos bosques, um coração aberto a todas as manifestações da arte.

Acordaram embalados pelo mar, ora sereno ora irado, ao côro estonteador das sereias, sílfides e tágides formosas; viram as largas e graciosas planícies pintadas ao gosto da natureza fecunda e sábia, as florestas «virgens do passo humano e do machado» que as aves em pura orquestração natural irrigavam de um mixto de indizível doçura, alegria e tristeza; fartas bacias remorejantes a refrescar-lhes o solo ubérrimo; um sol acariciador e brilhante a rivalisar feliz com o de Itália e Grécia; um luar de melancólica pureza sem

outro igual no mundo; deviam infundir insensivelmente no povo sincero e docil—e o mais bem fadado das Hespanhas—o sentimento artístico.

Este, depois, tornado, pela educação, universal herança de todos os descendentes; exercido em toda a parte, nas situações perigosas e nas expansões públicas e domésticas e a par de todos os misteres, tornou-se um complemento integrante e necessário á vida lusitana.

Sabido é que a situação geográfica, determinando o clima em geral, dificulta ou auxilia a actividade intelectual e física dos habitantes de uma região; as belezas naturaes — graciosidade de linhas na configuração geológica e exuberância de sons e seiva—, sensibilizando o espirito pelos sentidos, despertam o sentimento do belo; a visinhança, pelas necessidades da convivência e por complicações subsequentes, torna um povo belicoso ou pacífico, conforme a sua índole; e clima, belezas naturaes e visinhança constituem poderosas influências a que não ha subtrair.

Sendo a influencia daqueles elementos o primeiro factor na informação da índole dum povo, o sentimento artístico natural, que é o crisol onde se depuram essas influências para a assimilação, é o segundo termo comparativo e explicativo da evolução sentimental e orgânica desse mesmo povo. E', pois, este segundo termo que é necessário analizar tambem, ainda que ao de leve, para se poderem sintetizãr as disposições para a cultura do belo nas suas diversas manifestações.

Tão excepcionalmente dotado, Portugal, foi sempre o fruto apetecido dos outros povos que o foram menos, e, por isso, o objecto das suas diplomáticas locubrações e negociações para o possuir e fruir.

Assim, ou caindo como avalanches enormes sobre este cantinho do mundo, conseguiram muitos deles estabelecer-se, concorrendo, na sua diversidade de elementos constituitivos, para um movimento evolutivo de múltiplo carácter; que ainda predomina e moralmente o eleva e continuará a elevar. Por isso, o nosso povo dá a ideia de um desses espiritos complexamente dotados, sensível a todos os progressos, alvo das admirações alheias, conquistando uma posição bem distincta nos mapas da civilização do mundo.

Isto dito por mim, que sou português, poderia ser tomado à conta de expansão do orgulho patriótico, se não fosse tambem o sentir claro e repetido dos maiores talentos estrangeiros, antigos e modernos e a sua necessidade aqui para melhor entendimento das razões expostas.

TRAÇOS DE HISTÓRIA ANTIGA DA LUSITANA Após a vinda dos celtas chegaram á Lusitânia os rivais infelizes da omnipotente Roma—os cartagineses, que eram descendentes dos fenícios, mas já de outro caracter por influencia da nova posição geográfica, diversidade de solos e visinhança e por isso chamados *lybiphenices*.

Por cá estiveram cerca de dois séculos. Depois vieram os romanos. Num duélo de extermínio, venceram os cartagineses.

Foi de uma luta continua o período que se seguiu; no meio dêle, porém, se deu um facto que é grato registar; a fundação de uma escola, por Sertório, na que é hoje cidade de Huelva, então Osca. Foi um dos primeiros focos luminosos a esclarecer a ignorância dos nossos ascendentes e a educar-lhes a sensibilidade estética.

Romaniza-se, finalmente, a Península. Tudo respira a poderosa influencia das águias altivas que açambarcaram o mundo, cuja capital é Roma.

A tamanho poder, porém, fugiu sempre insubmisso um elemento, desprezado por pequeno e vil — a Arte.

Era flôr que se não dava naquele solo, por muito crestado dos venda-

vais da guerra. Toda a sua actividade natural e intelligência reflectida pela Grécia escrava, são empregados na valorização da estratégia militar.

A força física, pessoal e conjunta, tem um culto universal. Os romanos não foram artistas, e se algum hábito de arte perpassou ainda, indo expirar nalgum recanto remançoso, fértil e predisposto, emanava das civilizações por elles apagadas sem proveito próprio immediato. Podiam ter sido incomparáveis e inimitáveis, se, ao conquistarem a Grécia, estivessem mais aptos para uma perfeita assimilação daqueles elementos, que resumiam o sentimento do velho Oriente, a magestade das creações egípcias e, sobre tudo, o seu poder intelectual e imaginativo, creador da religião da natureza, divinizador das formas, da força, e, para nada faltar, até do desconhecido.

Mas não. A força moral que poderá atenuar a força do choque de 476 e principalmente o de 1453, mereceu-lhes pouco cuidado, e o resultado era de esperar.

Os gregos, apesar de vencidos, dominaram. Seis séculos, seguramente durou na Hespanha o poder romano, sucedendo lhe, nos princípios do século V, as hordas bárbaras invasoras dos germanos. Sob o domínio destes, habitaram a Lusitânia sucessivamente, Alanos, Suevos e Vândalos, mais tarde absorvidas pelos Wisigodos.

Leovigildo estabeleceu então um poderoso império a que Rodrigo viu o fim nas margens do Guadalete ou Chrissus, em 711.

Estes povos nada de notável acrescentaram á civilização romana, antes pelo se estado de cultura bastante atrasado, selvagem mesmo, detiveram e embaraçaram muito. Sómente os Suevos eram apaixonados pela música. Os Judeus transmitiram a *notação rabínica* que veio a prevalecer nas canções aristocráticas e na Igreja. Portugal deve aos Suevos a instituição da sua *Capela Real*,

Continúa

“Brazil-Musical”

Por um lapso muito de lamentar escapar á revisão o artigo do nosso querido amigo — brilhante cronista Carlos Abreu, resultando por vezes incompreensíveis as afirmações interessantes do illustre auctor das «Paisagens do Sol Nascente.»

Que nos perdoem os nossos leitores e o nosso sintilante camarada brasileiro, de quem esperamos novas crónicas que, então não serão victimas do mesmo desastre.

DOS LIVROS

Por absoluta falta de espaço somos forçados a retirar a secção de critica literaria, que no proximo numero porêmos em dia.

BRAZÃO CONSAGRADO

Foi meio seculo do nosso teatro que passou, na noite de homenagem a Brazão, pela doirada sala de São Carlos, ninho de recordações grandes, relicario augusto de lembranças de epochas de fama lirica que difficilmente voltarão, dada a mingua em que caímos, ha uns anos, da concorrência solene dos que marcam nos anais da literatura musical.

Foi naquela sala magnífica que as gerações de agoram fizeram vibrar o sentimento da sua emoção perante uma das mais predominantes figuras do teatro portuguez, individualidade singularissima de artista, formoso arco-boiço de comediante que trouxe á nossa ribalta muita das mais estupendas figuras que a dramaturgia estrangeira e nacional criaram atravez de algumas dezenas de anos.

Lá esteve, naquela cena gloriosa, Brazão, um dos maiores da nossa terra, para que o vissemos bem na insinuação grata do seu porte fidalgo, no expressivo movimento da sua mascara adomada a todos os sentimentos, na fulgurante melodia do seu gesto e na subtil ondulação das suas palavras, frescas como a puresa branca duma madrugada de primavera, limpidas como a transparente irradiação dum ceu immaculado.

Brazão incarna na bellissima contestura do seu temperamento extraordinario de modelador de caracteres, a suprema graça de evocar o intimo dos personagens com a verdade subtil dum retrato de corações e de almas que viessem até nós com o pujante exotismo dos seus recantos mais ignorados, com a intrincada lucilação das suas palpitações mais extranhas.

Naquele mesmo palco foi já feita a consagração maxima, de vivos para vivos, de trez vulto [enormes da nossa cena, Virginia, Angela e Brazão.

Diante dos nossos olhos embevecidos passaram vivos e com a rubrica acariciante dos olhos dos proprios criadores alguma das personagens que esses tres grandes artistas construíram num afago sublime de luz e de côr. E que galeria essa, vasta e brilhante, animada e vibrante, que por si serviria bastantemente a fazer a synthese dum meio seculo de arte teatral dum paiz.

Jorge Faria na sintilante alocação que José Ricardo de olhos marejados, leu, ergueu essa gloria admiravel e vimo-la nós então, mais uma vez na espiritulisação soberba de que o ambiente a toacava.

Dramaturgos, criticos, atores e toda a gente de cena estremeceram á recordação desse fecho de criações que as palavras de Jorge Faria abriram numa terna melopeia de evocação. E, quando o pano correu dos lados para fechar a homenagem, uma onda de amargura semi-cerrou os nossos olhos, que viram o afastamento desse grande nome do nosso teatro, onde dia a dia vão mi-guando as aptidões e os caracteres.

NOGUEIRA DE BRITO



LOGARES COMUNS

I



A BRASILEIRA DO CHIADO

2.^a PARTE

POR

JOÃO ZERO

Satanaz pensou junto do Ramiro
Que muito lhe faltava abençoar;
Acendeu um cigarro, deu um giro,
E, voltando aos umbrais do mau Retiro,
Engatilhou com a Voz de celebrar. . .

Virgem Santa Maria, nossa Madre,
Quem será este metro de cordão?
— É simbolo fiel da Prégação.
N'uma das pontas filosófa o Padre
Na outra ponta adormeceu o Cão. . .

«*Je sais tout*». Com o indice na tésta,
Talent-o-Azul, *Portela-Amor* avança.
Humanidade a zero! E nada présta
Na critica tão clara e tão modesta
D'aquela modestissima criança. . .

NOTA — Como o verso está cáro, o tempo falta,
E a libra sobe para o mez que vem.
Aonde está *Portela*, leiam *Molta*
Ficam todos contentes e eu tambem. . .

Se não acha esse velho pedregulho
Que a vista do arqueologo impertiga
Sequeira sem filancia e sem barulho
Descobre nos arcanos do bandulho
A qualquer uma *pedra* na bexiga. . .

O Nuncio pincha! O Padre Santo gimbra!
O *Terças* é movel qual pena ao vento. . .
(Já confessado, comungado e bento)
Devolve a Epoca o *C - O -* ao *Imbra*,
E, como em casos de consciencia timbra,
Concede-lhe umas onças de talento!

No *Calvario* da gloria tão tramado,
À galheta, com gestos de azedume,
Escangalha o *Autor do Condenado*
Cains e *Abeis* que tenham duvidado
dos meritos da *Farça do Ciume*. . .

Alberto Sousa. A muitos faz calor,
Asía, macaquinhos, comichões,
O destino anormal d'este pintor,
Porque, sendo um *pincel conservador*,
Se fez mestre a pintar revoluções. . .

Cardoso Martha, aquel' prezado Martha,
Roubou á morte funebre o sigilo
E vae dando ás gazetas uma carta
Do Camilo p'ra o raio que nos parta
Do raio que nos parta p'ra o Camilo.

Ao principio era o verbo *Conspirar*
Mais tarde foi o verbo *Combater*
E depois de muitissimo pensar
Sardinha vae decerto conjugar
O presente do verbo *adormecer*.

Fortuna ao longe! Nuvens rutilantes!
Luiz de Montalvor! Planos graudos. . .
Azar e sonho. Mundo de birbantes!
Elmos d'oiro partidos, Reis, Infantes
A que faltam as c'roas e os escudos. . .

Cheio de nojo pela raça humana,
Risonho de ironia e de revéses,
Sórve *Albertino* um calice de cana...
— Oh doutor! Tu não viste que a *Pavana*
Era fina de mais para estes *pézes*?

Sevilha, do portal, gordo e fagueiro,
Géme fitando o már dum quadro sujo;
“— Maldito o meu destino tão rasteiro!
Não ser eu p'ra meus olhos catraeiro
Já que sinto desejos de marujo...!!”

E sem saber como, nem como não,
(O *Bravo* não sabe isso com certeza...)
Meteram-no em negocios. É patrão.
E faz bem. Afinal tudo é carvão,
E o oiro é operario da Beleza...

Artista, viu entrar uma mulher.
Artista, viu-lhe as pernas no Café.
E disse: Fique a vê-las quem quiser,
Para a minha arte, pernas de mulher.
São borrões de pecado e poz-se em pé...

No silencio da alcôva bruxoleava
A lampada corintia de alabastro
Imitando na seda um de'vil rastro
De lua em pétalas de rosa brava...
Antônio Botto, frio como um astro,
N'uma estatua que dorme os olhos crava...
Estatua de Narciso ou de Belkiss?
Ninguem sabe, ninguem viu, ninguem disse...

Inventa o *Dia Claro* este Menino
Que, visto á boa luz, parece enorme.
Nosso Senhor o guarde pequenino
E a Virgem Mãe lhe diga—“Meu menino,
Lá em baixo faz frio... dorme... dorme...”

Reprodução proibida

—
Conclue-se no
proximo numero



PARA QUE UMA CONFECÇÃO
RESULTE ELEGANTE, TORNA-
SE INDISPENSÁVEL UMA
GRANDE HARMONIA DE CO-
RES E A PERFEIÇÃO ABSOLU-
TA DOS TECIDOS

ESTÃO NESTAS CONDIÇÕES
OS TECIDOS QUE SE ENCON-
TRAM NA CASA

Guilherme Vidal

RUA IVENS, 53 (AO CHIADO)

ONDE TAMBEM SE ENCONTRA
A CELEBRE MARCA DE MEIAS

A D A G

A MELHOR QUE SE FABRICA
E A QUE MAIOR DURAÇÃO
. OFERECE

DOS CONCERTOS

Politeama — 1.º Concerto — A prestigiosa batuta de Fão reapareceu dominando uma orquestra que, quanto á sua constituição, marca um certo progresso sobre a temporada anterior.

A primeira audição da tarde foi a *suite* sinfónica de Jorge Hue, *Titania*, extraída da opera do mesmo nome. Se bem que se não trate de uma obra não deixamos de lhe notar um certo interesse sobretudo na parte que reproduz o bailado de Filida, em que que as flautas nos aprezentam, num *encadrement* muito Fauré, uma melodia em boa verdade deliciosa. No que respeita a execução, ela foi o melhor que podia ser.

Completaram o programa: a abertura da *Cleópatra*—a melhor das aberturas sinfónica italianas e um dos êxitos da Sinfónica de Lisboa—, a estafadíssima *Rapsódia Slava*, de David de Sousa, a torrencial estopante *Sinfonia patetica*, de Tchaikowski — com altos e baixos de execução — o entreato das *Goyescas*, que foi bisado, e, pondo um fecho de deslumbramento no concerto de apresentação, a cathedral sonora que é a abertura *Tannhauser*.

A notar, a falta da harpista. Tanto a orquestra como o seu ilustre director foram aplaudidísimos.

2.º Concerto — Uma formidável execução do mais maravilhoso monumento contrapontístico que o reportório inclui—a abertura dos *Mestres Cantôres*— abriu o segundo concerto no Politeama, havendo mistér de salientar, pela forma segura por que alicerçaram toda a peça, os contrabaixos de corda.

A 2.ª *Sinfonia* do Beethoven, a que o maestro Fão imprime uma vida extraordinaria, atingiu a perfeição no *larghetto*.

A admirável instrumentação que Fão escreveu para a encantadôra *Triana* de Albeniz, brilhou fulgurantemente uma vez mais que quer dizer, duas vezes porque o público obrigou a bisá-la.

Na terceira parte duas brilhantíssimas execuções a *Rapsódia em ré* e as *Danças guerreiras do Príncipe Igôr*.

Como primeira audição tivemos o primeiro dos 6 poemas sinfónicos que Smetana escreveu sob o título de *Ma Vlast* (Minha Pátria). *Vysehrad* é uma obra tcheque e por isso mesmo é cheia de aparentes desequilíbrios, provenientes dos mais flagrantes contrastes—ora toadas plangentes, ora os mais alacres e fogosos hinos, ora as melodias mais italianamente cantantes, ora os ritmos os mais arrevezados—ora o canto saudôso do lendario Orfeu tcheque, Lumir, ora o trombetear clangorôso das hostes que porfiam no terceiro *Vysehrad*.

Vista de travez as características apontadas *Visehard* é uma grande obra e o ilustre maestro Fão soube comprehende-la admiravelmente dando-nos uma interpretação notavel por muitos titulos.

A salientar, além do primeiro flauta senhor Duarte que se houve à maravilha na *Rapsódia em ré*, a harpista D. Arlinda Sousa, que, sendo estreante, soube vencer as enormes dificuldades que representam os primeiros compassos de *Vysehrad* não tanto pelas notas escritas como, e sobretudo, pelo a descoberto que são tocados e o papel preponderante que desempenha a primeira exposição do tema de Lumir.

EGO

Musica

S. Luiz — 1.º Concerto — E sempre com a maior satisfação que constatamos o encetamento de uma nova epoca de concertos sinfonicos, pois ainda não esquecemos que a eles devemos o interesse e gosto pela musica criado no espirito do nosso publico. É um facto terem as orquestras sinfonicas lutado com grandes dificuldades nos primeiros tempos dos seus concertos, e que tendo vencido a maior de todas as dificuldades — é esse o titulo de gloria do nosso publico — cnnseguir adquirir uma situação desafogada que lhe permitir criar uma estabilidade.

A prova mais ividente do que acabamos de diser, foi a enchente que temos a gosto de registrar, a bela organização da orquesta e a sua primorosa execução nas obras que constituíam o programa.

Abriu o concerto a «Overture» de *Weber* «*Euryanthe*», peça que teve uma realisação bastante perfeita e na qual nos foi dado conhecer o belo equilibrio de todos os napes: No entanto sigamos, livre diser que por mais sublime que seja a interpretação e a sua execução jamais conseguira enriquecer a banalidade dos seus motivos.

Em segundo lugar tínhamos a obra de *Roger Ducasse* «*Suite Française*» em primeira audição' que constituía o maior atractivo do concerto, não só por este compositor ser desconhecido entre nós, mas tambem por pertencer á moderna escola francesa. Se o publico não receber esta peça sem reservas deve-se em parte á falta indesculpavel de nos programas nada se diser.

Roger Ducasse é um compositor absolutamente francês, não só pela sua origem como tambem pela personalidade marcada nas suas obras. Este compositor pertence ao grupo dos que só trabalharam no dominio da sinfonia e musica de camara, ou seja musica de forma classica. Ao lado do classico *Gédalge*, dos frauckistas e d'indystas *Augustin Savard*, *Samazevilh*, *Witkowski*, *Jean Cras*, e dos tetussystas *Lovis Aubert*, *Caplet*, e *Charles Kæchlin*, temas *Roger Ducasse*, o unico francês a quem podemos chamar fauréano: em toda a sua obra se nota a influencia que o Mestre exercer no aluno. Bastou-nos ouvir esta sua obra para encontrarmos bastante pontos de contacto, como colorido e orquestração.

Como já dissemos, a obra que neste concerto tivemos o prazer de aplaudir, é uma «*Suite*» em estilo antigo. A «*Suite*» ou «*Partita*» na sua forma classica compoe-se duma sucessão de danças, como «*allemande*» (de origem alemã), «*courante*» (de origem francesa), «*sarabanda*» (de origem espanhola), «*gigue*» (de origem inglesa), e ainda de muitas outras danças e numeros varios, como «*ouverture*», «*recitativo e aria*» e, como em algumas «*Partitas*» de *Bach* tambem «*fuga*».

Roger Ducasse chama á sua obra «*Suite Française*» que se compoe de quatro numeros «*Overture*», «*Bounée*», «*Recitativo e aria*», e «*Meuvetto*».

Esta obra não teve uma execução tão perfeita como desejaríamos, nem mesmo isso seria possivel devido dos trez ensaios da ordem, pois que a par duma transcendente dificuldade technica, secedem-se stultaneamente surpresas ritmicas que só uma grande persistencia de trabalho poderia vencer com uma orquesta já bem disciplinada. A «*Overture*» foi o numero que mais nos agradou porque foi o que melhor compreendemos e as mesmo tempo o mais difficil; é riquissima em côr e belesa e tem um grande poder de emotividade que *Pedro Blanck* sentiu e nos soube comunicar. Nos outros andamentos as dificuldades sucedem-se até ao «*Meuvetto*», numero que vive independente de toda a melodia e harmonia. Só o ritmo aqui impera e domina, é o ritmo que dá toda a belesa e é o ritmo que nos prende: os compassos sucedem-se os mais estravagantes que um cerebro humano possa realisar, tais como 12

por 16, 15 por 16, 9 por 16 e sempre mudando de quadratura de compasso em compasso.

Foi aqui que a habil e competente tatura de *Pedro Blanch* se pode dizer que fez milagres, pois se *Pedro Blanch* reúne imensas qualidades de chefe de orquestra, isso não basta para levar a bom fim uma obra desta categoria, com trez ensaios e uma orquestra não trabalhada não obstante, *Pedro Blanch* lançando mão de todas as suas inumeras qualidades aliadas a um sangue frio extraordinario, conseguir chegar ao fim deste numero com um brilhantismo bastante notavel.

A primeira «Sinfonia» de *Beethoven* que occupava a segunda parte do programa, foi magistralmente executada principalmente nos dois ultimos andamentos: estes foram exuberantes em cor e em contraste.

Na terceira parte tinhamos a «legende» «Kikimosa» de *Liadow* e «Os Maestros Cantores de Nuremberg» — Preludio do 3.º acto — Valsa dos aprendizes — Marcha das Corporações. Todas estas obras foram com justiça muito applaudidas, tendo *Pedro Blanch* neste concerto mais uma tarde de gloria a juntar ás muitas já conquistadas

F.

A **Musica** publicará conjunctamente em 15 de Janeiro os numeros **5** e **6** em que incluirá, entre outra a seguinte collaboração:

«Campanas de Bastabales» por *Rosalía de Castro*; Ao Marão por *Teixeira de Pascoaes*; no «Limiar do Além» por *Augusto Santa-Rita*; «Momento Camoneano» por *Corrèa da Costa*; «Meu Deus!» por *Garcia Palido*; «Dança dos primeiros homens em frente da presa morta» por *Cardoso Martha*; «Sextilha a uns olhos verdes» por *Americo Durão*; «Natal» por *Gil Vaz*; «A missa da meia noite no ano de 1527 no Paço da Ribeira» por *Mario Sampaio Ribeiro*; «Elegia da Noite» por *Nogueira de Brito*; «Punhal Malato» por *Antonio Stubbs de Lacerda*; «O Segredo de... Ambos» por *Gastão de Bettencourt*; «El Estudio y La Conservacion» por *Adolfo Salazar*; «Camilo critico musical» por *Dias Costa*; «A Lição de Barrés» por *José Osorio de Oliveira*; Collaboração artistica de *Antonio Carneiro*, *Claudio Carneiro*, *Doutor Stefano Molle*, *Alves San-Payo*, *Guilherme Filipe* e *João Carlos*.

N. R. — Por absoluta falta de espaço somos forçados a retirar deste numero o artigo do nosso illustre collaborador — Santos Duque — «Os Bastidores da Opera Imperial de Berlim; que sahirá no proximo numero.





Reprodução de um trabalho
de Alves-San-Payo

DEVE



HAVER

Peça
o
prospeto
gratis
ao
**INSTITUTO
NACIONAL
DE
ENSINO
POR
CORRESPON-
DENCIA**

L. Trindade Coelho, 6
LISBOA

E verá
que
pode
aprender
em
casa
e em
pouco
tempo
ESCRITURAÇÃO
E
CONTABILIDADE

PIANOS-MUSICAS

Antonio J. P. Sampaio, L.^{da}

Pianos e auto-pianos

BALDWIN

F. Weber

Vendas a pronto e a prestações

Musicas nacionais e estrangeiras

Secção de bilhares de precisão e accessorios

Largo da Graça, 125, 126, 127, 128 e 129

(CASA FUNDADA EM 1880 NA TRAVESSA DO MONTE, 14)

Telef. C. 741

Pianos

Liebmann

Steinmayer

De Teatro

DIRECTOR

MARIO DUARTE

Uma peça de teatro em
cada numero — Cronicas,
criticas e assuntos de palpi-
tante interesse.

P.^a dos Restauradores, 13, 3.^o

LISBOA

OFICINA GRAFICA A NACIONAL

Trabalhos Tipograficos

EM

::: TODOS OS GENEROS :::

Rua Diario de Noticias, 28 e 30
Travessa da Esoura, 21, e 23
::: LISBOA :::

Revistas ilustradas-Bilhetes

de visita - Facturas - Memo-

randuns e cheques-Circula-

res - Mapas e envelopes. :::

Relatorios

Jornais - Fotogravura . . .

Encadernações simples e de

luxo

Rótulos e Placards . . .

ALFAIATARIA
GALERIA DA MODA

DE

Alberto Azevedo

Avenida da Liberdade 87-1

Telefone N. 2885



MUSICA

REVISTA DE ARTES

DIRECTORES
GASTÃO DE BETTENCOURT
JOÃO DE CAMPOS FILHO

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

	ANO	SEMESTRE
Continente e ilhas.	60\$00	30\$00
Colônias	70\$00	36\$00
Estrangeiro	60 francos	30 francos
Brazil	50\$00	25\$00

(Moeda Brasileira)

Numero avulso 6\$00

Colaboram neste numero:

Ollva Guerra, Dr. Izidoro Aranha, Jorge Ramos, Dr. Stefano Molle, Dr. Umberto Araujo, Antonio Stubbs de Lacerda, José Castelo de Moraes, Herculiano Levy, Mario Sampalo Ribeiro, Nogueira de Brito, Gastão de Bettencourt, Boavida Portugal, João SemRumo e Alves Sampalo, etc.

**TODA A COLABORAÇÃO
É SOLICITADA**

Como e Imp. na Oficina Grafica A Nacional
= Rua Diario de Noticias, 28 30 e 30-A =

BELAS COMO AS ROSAS
** VOS TORNAREIS **

USANDO DIARIAMENTE

Agua, Crème e Pó d'Arroz

• RAINHA •

** ** ** DR ** ** **

HUNGRIA

DA

ACADEMIA
SCIENTIFICA

DE

BELEZA

• LISBOA •

Avenida da Liberdade, 23

Tele { fone N. 3841
grama BELEZAK

RIO DE JANEIRO

Rua 7 de Setembro, 166

Tele { tone C. 1701
grama BELEZAK

Cruz de
Merito
Industrial
na Expo-
sição
de Milão
1920